



Universidades Lusíada

Infante, Sérgio José Castanheira, 1947-

A propósito de esquiços, croquis, esboços, bosquejos, ou aventuras e desventuras do desenho de arquitetura

<http://hdl.handle.net/11067/475>

Metadados

Data de Publicação	2013
Resumo	Com base na experiência pessoal da prática do desenho, e tendo como referência incontornável o exemplo de Viollet-le-Duc, procuramos fomentar o gosto pelo desenho livre, quer como instrumento analítico quer como conceptual. Ferramenta tradicionalmente própria do arquiteto, não merece perder terreno face a novas tecnologias, que não tornam obsoleta, antes complementam, esta aliciante ligação entre o olhar, a mão e a mente. (Sérgio Infante)...
Palavras Chave	Viollet-le-Duc, Eugène-Emmanuel, 1814-1879 - Crítica e interpretação, Desenho, Desenho arquitectónico
Tipo	article
Revisão de Pares	Não
Coleções	[ULL-FAA] RAL, n. 4 (1.º semestre 2013)

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-10-03T09:01:49Z com informação proveniente do Repositório

INFANTE, Sérgio (2012). A propósito de esquiços, croquis, esboços, bosquejos, ou aventuras e desventuras do desenho de arquitetura. Revista Arquitectura Lusíada, N. 4 (1.º semestre 2012): p. 199-211. ISSN 1647-900

A PROPÓSITO DE ESQUIÇOS, CROQUIS, ESBOÇOS, BOSQUEJOS, OU AVENTURAS E DESVENTURAS DO DESENHO DE ARQUITETURA.

Com uma breve incursão de homenagem a Viollet-le-Duc.

Sérgio Infante*

Todos os desenhos são do autor

“Le dessin ... est le meilleur moyen de developper l'intelligence et de former le jugement, car on apprend ainsi à voir et voir c'est savoir.”
Viollet-le-Duc ¹

RESUMO

Com base na experiência pessoal da prática do desenho, e tendo como referência incontornável o exemplo de Viollet-le-Duc, procuramos fomentar o gosto pelo desenho livre, quer como instrumento analítico quer como conceptual. Ferramenta tradicionalmente própria do arquiteto, não merece perder terreno face a novas tecnologias, que não tornam obsoleta, antes complementam, esta aliciante ligação entre o olhar, a mão e a mente.

PALAVRAS-CHAVE

Esquiço; desenho livre.

ABSTRACT

Based on personal experience of doing drawings, and referencing Viollet-le-Duc as an unavoidable example, we seek to stimulate the appreciation of the freehand drawing, both as an analytical and conceptual tool, a traditional architect's key tool, which doesn't deserve losing the ground due to the new technologies emergence, that doesn't make it obsolete and rather complement this exciting bond between the eye, the hand and the mind.

KEY-WORDS

Sketch; free hand drawing.

O desenho livre revela claramente o Arquiteto. Parece-nos contudo ter vindo a perder terreno, tanto em ambiente académico como profissional, face a omnipresentes ferramentas informáticas.

¹ Arquiteto e restaurador francês nasceu em Paris em 1814 e morreu em Lausanne em 1879. Percorre a Itália e a Sicília (1836), a França (1838 e 1839) sempre de caderno de croquis na mão. Em 1845 restaura a catedral de Nossa Senhora de Paris; *Carcassonne* e *Amiens* em 1849.. Como ponto alto da sua carreira podemos considerar o ano de 1853, ano em que é nomeado Inspetor Geral dos Monumentos Franceses e em que começa a publicar o seu *Dictionnaire Raisonné de l'Architecture*, obra monumental em 10 volumes, com 4500 desenhos, todos da sua autoria, gravados em madeira para a impressão, por uma numerosa equipa de gravadores. Além do texto de grande qualidade didática é essa iconografia, resultante do apoio no desenho para tornar compreensível os termos de arquitetura, que torna a obra aliciante e confirma Viollet-le-Duc como desenhador excepcional.

Mas o desenho “à mão” merece continuar a ser praticado e a ser-lhe reconhecido que permite expressar com grande intencionalidade tanto registos analíticos como ideias de intervenção. Consegue claramente afirmar formas, espaços e cores, com uma carga emocional superior a produções geradas mecanicamente ou informaticamente, como a fotografia ou o desenho em computador.

Serve como que de diagnóstico do espírito do lugar. mas também para investigar e depois concretizar opções de projeto.

Funciona assim como suporte da reflexão que conduz a escolhas, produzindo alternativas que vão sendo sucessivamente pormenorizadas até à retenção duma solução final, com que comprovadamente nos identificamos e nos identifica.

Não vemos razão suficiente para que esta investigação do real e do imaginado através do desenho, materializada pelo registo manual, não possa continuar a ser hoje em dia essencial no exercício quotidiano da arquitetura.

Levado que foi à exaustão o desenho gerado informaticamente e o registo fotográfico das realidades que se pretendem abordar, gostaríamos que se mantivesse a evidência de que o arquiteto não pode esquecer a mão como continuidade do pensamento.

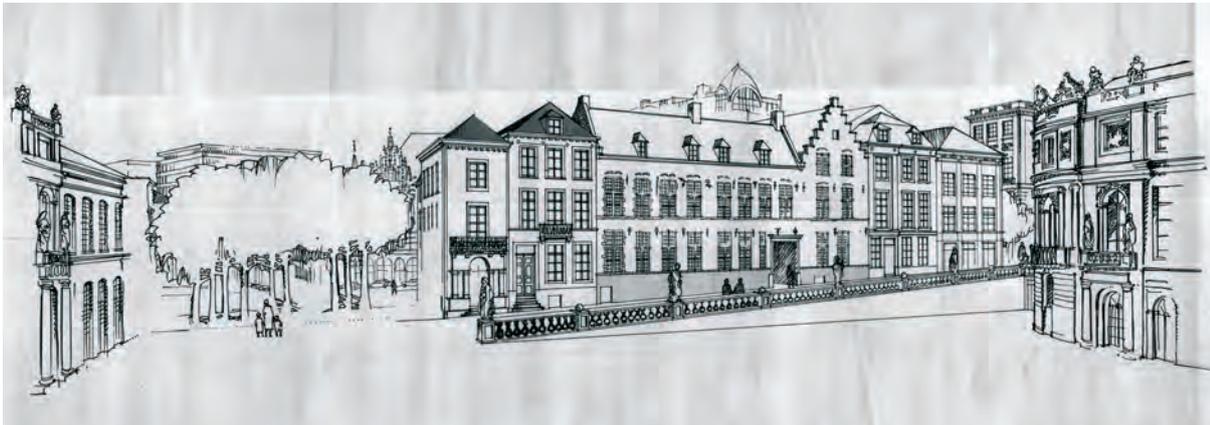


Fig. 1 - O desenho para compreender e dar a compreender. A expressão pelo desenho é universal e ultrapassa barreiras linguísticas. Deriva do “background” cultural e técnico de quem o produz, mas a sua leitura é universal.

Uma análise executada através do desenho regista muito melhor e de uma forma muito mais eficaz aquilo que é efetivamente importante no domínio do entendimento de um espaço, de uma forma, de uma cor, ou de uma textura

Permite registar de uma forma quente uma realidade, absorvê-la de tal maneira e informar o projeto com dados de tal forma poderosos para o controle da proposta que se torna insubstituível por qualquer outro registo da imagem e da forma.

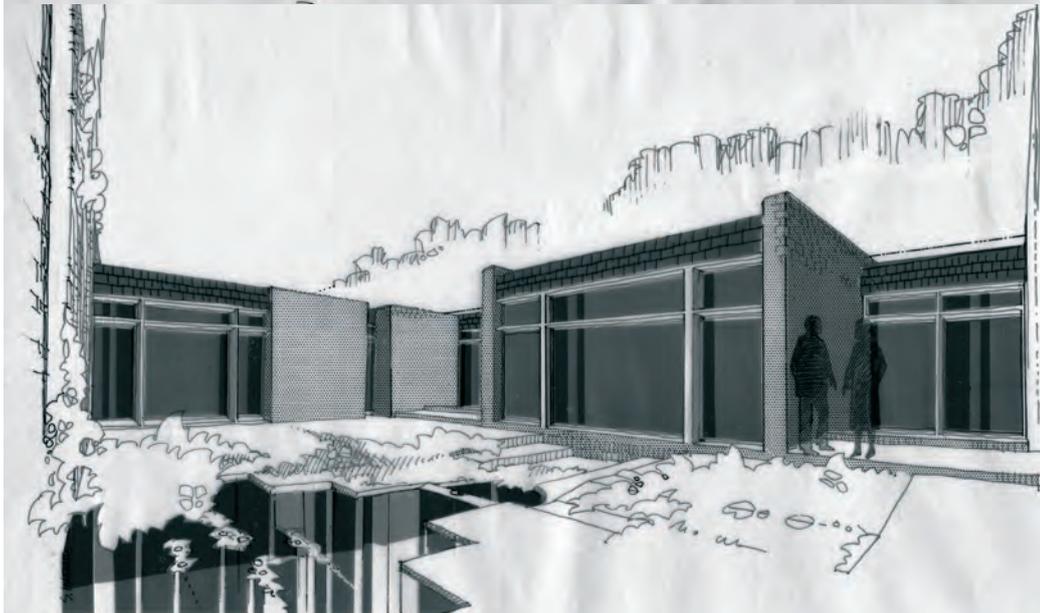


Fig. 2, 3 e 4 - Recuperação dum antigo celeiro para habitação unifamiliar.
Explicitação de soluções alternativas para a construção no interior da ruína.
Correspondem a imagens mentais, que se concretizam no papel pelo desenho, e das quais resulta a demonstração da apropriação humana desse espaço.

Neste sentido é uma aventura percorrer com os olhos o que que os arquitetos ao longo de muito tempo têm registado nos seus desenhos, e aqui se justifica a nossa breve incursão de homenagem a Viollet-le-Duc.

Estudioso incansável, espírito analítico e empreendedor, à boa maneira dos homens do século XIX que fizeram a máquina a vapor, o caminho de ferro, as pontes e a nova arquitetura do ferro, sempre procurou associar o conhecimento ao desenho. Desenha, e tenta compreender pelo desenho, tanto uma montanha como uma igreja.

Depois de perceber a casca e o esqueleto, convicto de que então já domina o objecto manipula-o com a convicção de um demiurgo.

A qualidade e quantidade dos seus desenhos e escritos provam uma invulgar capacidade de trabalho tendo como resultado uma obra profundamente pedagógica.

“Je ne sache guère de carrière dans laquelle le dessin ne soit utile, sinon absolument nécessaire, par cette raison bien simple que le dessin apprend à voir juste, à se souvenir de ce qu’on a vu et à donner un corps à la pensée.”²

Temos assim perfeita consciência que este e muitos outros autores já o fizeram, pela escrita e pelo desenho, muito melhor que nós o poderemos fazer, mas mesmo assim, mais do que procurarmos aproveitá-los para afirmar o que, para nós, de aliciante está por detrás de cada um deles, gostaríamos de poder contribuir para a promoção, no ambiente académico em que nos movemos, do redespertar do gosto pelo desenho como ferramenta intemporal do arquiteto.

Talvez não seja despiciente considerarmos eticamente mais válida uma aproximação ao trabalho do “artesão”, em que a marca da mão está em consonância com o rigor da mente , que exige tempo e dedicação, do que uma aproximação ao trabalho do “artista”, que num só gesto e num só risco pretensiosamente pretende ter tudo dito.

Revistas de arquitetura e *powerpoints* de conferências promovem atualmente muito mais este tipo de suposta genialidade, do que um trabalho que mereceu o tempo e o rigor q.b. que pressupõe respeito pelo destinatário, que merece que se lhe dê a perceber o que se lhe propõe e não satisfazer o ego de quem projeta. Parece-nos vaidade inconsequente considerar que um risco é suficiente para a pretensão de lhe ser reconhecida a tal genialidade que parece reivindicar com base em que só precisa de inspiração e considera mesquinhice um envolvimento mais esforçado.

² Viollet le Duc, *Histoire d'un dessinateur, comment on apprend à dessiner*.

Pierre Mardaga, Bruxelles, 1978. Reedição em fac símile da edição de Hetzel, Paris 1903, cuja primeira edição foi publicada em 1879, pelo mesmo editor.

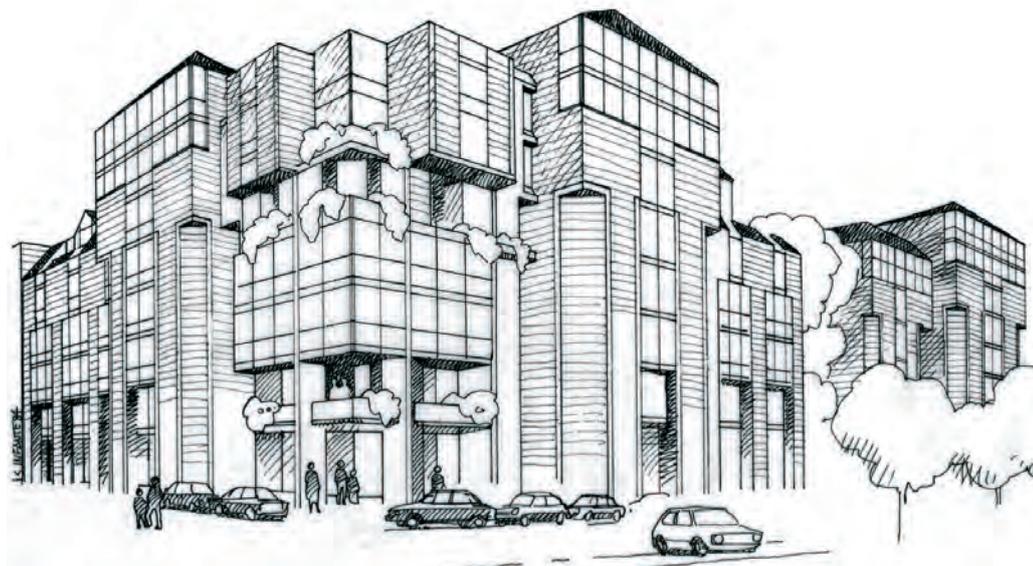
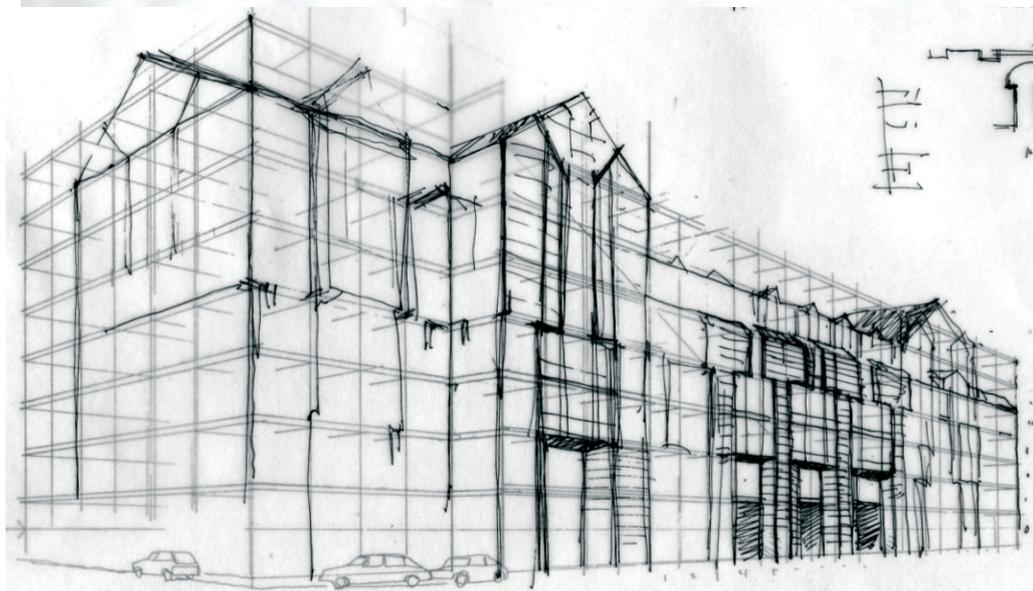
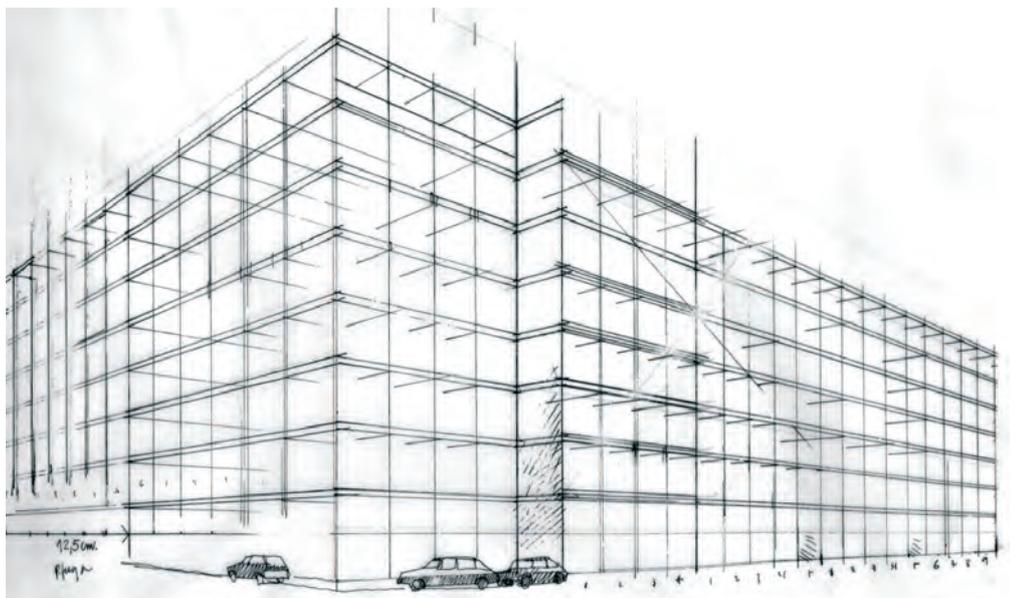


Fig. 5, 6 e 7 - Mesmo sem o rigor da geometria descritiva, a construção empírica prévia duma base com linhas em perspetiva, do ponto de vista em que queremos explicitar o projeto, permite que depois se lhe possam sobrepôr duma forma mais controlada o desenvolvimento da proposta e de alternativas que entendermos considerar.

“Quand tu vois une chose, un meuble, un outil, une maison, il faut te demander comment cette chose s’est faite, avec quoi et pourquoi, et tâcher par toi même de la deviner, ou, si tu ne pex le deviner, demander à ceux qui le savent”²

A par com o desenho conceptual indispensável ao desenvolvimento dum projeto que antecipa formas e espaços ainda não existentes, o registo de formas e espaços existentes, em viagens ou noutros tempos fora do estrito envolvimento profissional, treina a mente e a mão para que os arquitetos não esqueçam que, para além da leitura de identificação dos valores espaciais, formais e cromáticos dos ambientes que os rodeiam, se lhes pede que intervenham nesses ambientes, e lhes deem novas dimensões, quer quando recuperam pré-existências quer quando constroem situações que vão colmatar vazios urbanos ou outros espaços expectantes.

É nesta dupla atitude de leitor e criador que esta abordagem se torna particularmente interessante.



Fig. 8 e 9 - O caderno de viagens tem como o contraponto a fotografia. Quando está era cara e exigia algum cuidado e conhecimentos para obter bons resultados ainda se parava para se obter o melhor ângulo e se procurava o enquadramento mais sugestivo. Películas e impressões eram caras e o investimento naturalmente ponderado. Atualmente a fotografia digital é de tal modo barata e fácil que disparamos em catadupa e não interiorizamos o que produzimos

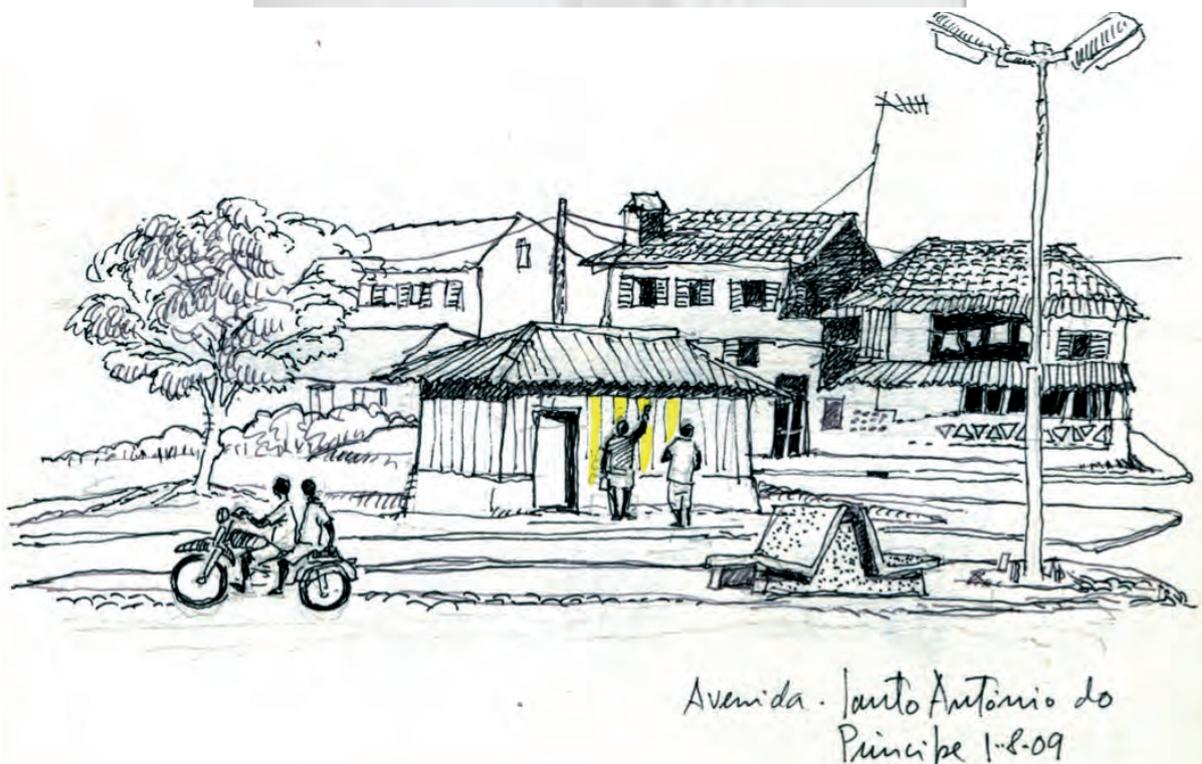


Fig. 10 e 11 - O tempo de execução está naturalmente ligado ao respeito que se deve a quem se destina o desenho. E até ao respeito a que se deve dar o próprio executante. Quando fazemos um croquis de viagem estamos a trabalhar para reter memórias. O tempo que dedicamos fica impregnado no que produzimos, e por isso mais perene na memória do que uma fotografia que se conquista no tempo dum clique. Quando percorremos cadernos de croquis de viagens as memórias são muito mais quentes do que quando visualizamos fotografias. Fruto de termos visto com os olhos e registado com a mão, incorporando tempo no registo.

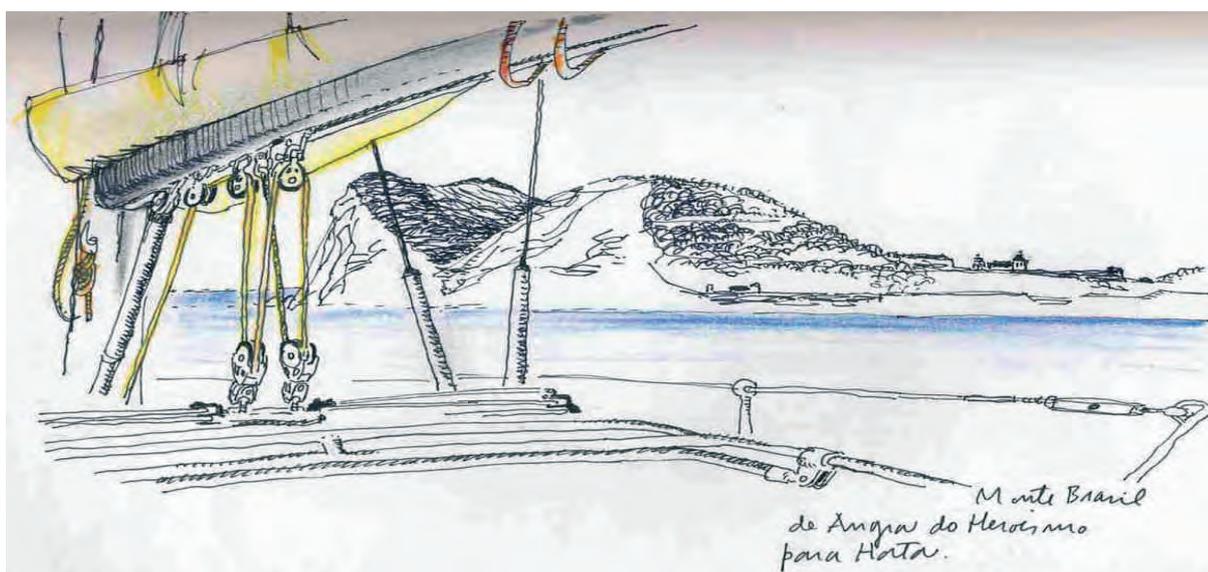
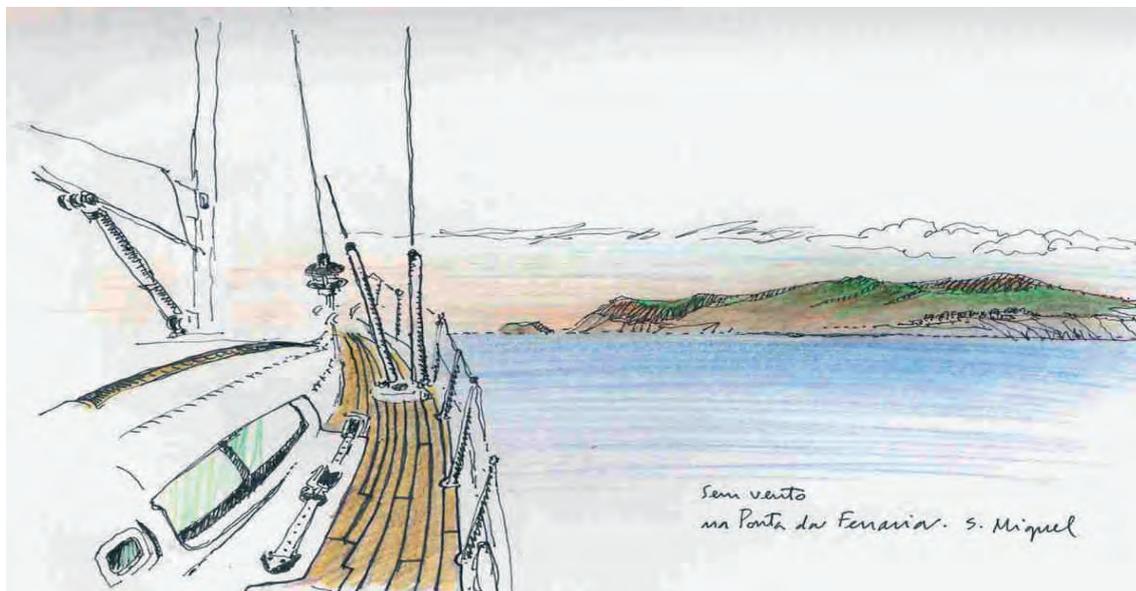
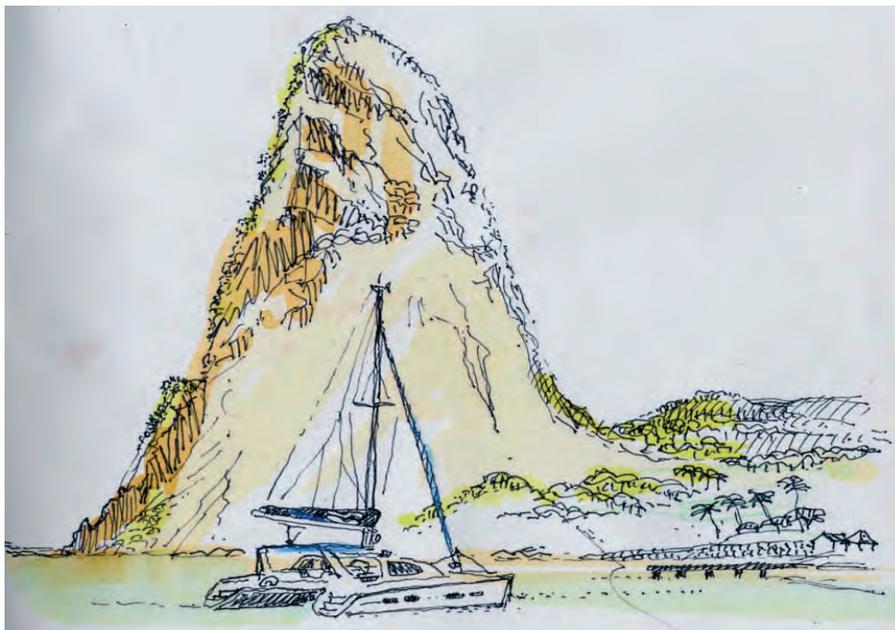


Fig. 12, 13 e 14 - Não vivemos num espaço amorfo e sem referências, Pelo contrário, fazemos decorrer a nossa existência num conjunto de relações com lugares próprios de caracterização irreductível e não susceptível de sobreposição. Dos espaços basicamente neutros, que utilizamos sem mistério, na rotina do quotidiano, potenciamos através do desenho a memória que fica da experimentação desses lugares e vivências.

O trabalho do arquiteto é personalizado, e a capacidade de poder responder pelo desenho, na hora, a dúvidas numa apresentação a um cliente, a um professor numa escola de escola de arquitetura, a um encarregado num estaleiro de obra ou a um serralheiro ou carpinteiro numa oficina, parece-nos continuar a ser vantajoso e próprio da nossa área académica e profissional.

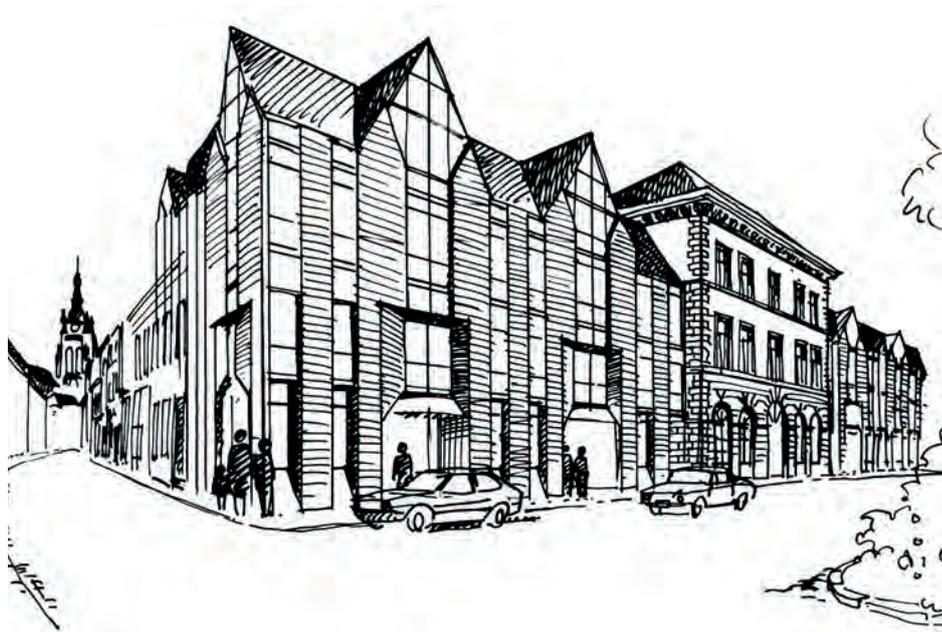


Fig. 15 e 16 - Enquanto desenhamos não nos enfadamos – o mesmo talvez não se possa dizer do tempo que estamos ao computador. A arquitetura e o arquiteto só terão a ganhar se continuarem a coexistir a tradição académica com as técnicas informáticas de vanguarda.

Desenhos em CAD , se bem que se possam escolher dentro do programa diferentes convenções de representação, perdem sempre em cunho pessoal para um desenho feito á mão. Esta linguagem deve ser de novo a base da criação do arquiteto.

Entre desenho á mão e desenho em computador não vemos oposição mas complementaridade. Mas desastroso seria se o computador levasse ao total declínio do desenho arquitectónico.

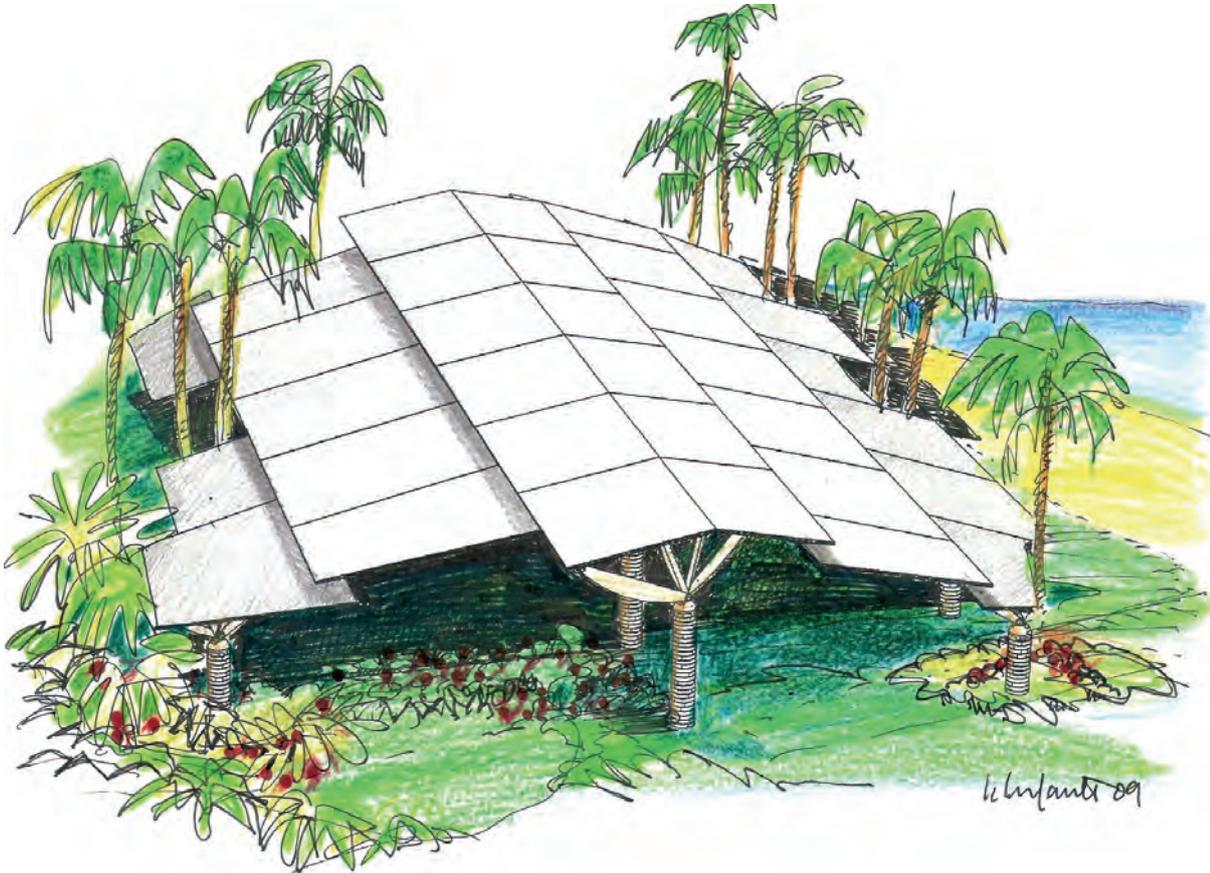


Fig. 17 e 18 - Desenhos mistos, em que as técnicas se ajudam mutuamente.
As perspetivas de base obtidas em computador são depois trabalhadas à mão livre.

Não repudiamos a ferramenta informática. O que talvez mereça ser questionado é a sua eventual hegemonia.

Ferramentas sempre evoluíram e interagiram com a criatividade.

Para passar um desenho a limpo, com se dizia na altura, já usámos o tiralinhas. Era preciso afinar manualmente a espessura do traço e requeria abastecimento muito frequente de tinta. Depois vieram os aparos *Graphos*, intermutáveis e com espessuras predeterminadas que se escolhiam conforme o traço pretendido e se fixavam num corpo cilíndrico que já continha um reservatório de tinta que permitia enchimentos menos frequentes. Seguiu-se o período dominado pelas *Rotring* e similares, com ponteiras de espessuras também predeterminadas e reservatórios de tinta mais seguros, mas que não nos livravam de tempos a tempos dum borrão de tinta no desenho. Raspar no papel vegetal, era a única alternativa para não ter de recomeçar um desenho. E o mesmo para qualquer alteração que se quisesse introduzir no desenho. O CAD é uma utilíssima ferramenta nessas situações. As espessuras dos traços são sempre impecavelmente mantidas, não borram nem espirram manchas de tinta, nem é preciso raspar para se introduzirem alterações ou produzir variantes. É uma ótima ferramenta num sistema de representação. Mas uma péssima ferramenta num sistema conceptual. Mais não seja, por força dos constantes *zooms* inerentes ao modo de operar; dificilmente se domina a escala e a relação entre as partes e o todo. E *renderings* espetaculares, produzidos no final, mais uma vez não jogam do lado do sistema conceptual. O desenho de arquitetura que aqui abordamos é propedêutico ao projeto.

Mas o assunto está em aberto. Prometem futuro aliciante os programas de desenho livre – e esta designação é interessante porque pressupõe que o outro desenho não tem o grau de liberdade suficiente para ser eficaz na concepção – executados em ecrãs tácteis, que são operados diretamente da mão para uma folha de papel virtual, com um instrumento semelhante a uma caneta convencional que permite simular lápis, marcadores, pincéis, etc. e que associamos à manipulação do desenho tradicional que liga mão e cérebro.³

Mantêm a vantagem do cunho pessoal do desenho à mão e livram-nos de aparar os lápis, de desentupir os aparos, de lavar os pincéis, de sujar as mãos... Resta saber se, tal como para a discussão em torno dos *ebooks*, aceitamos que o contacto com o papel, o cheiro das tintas e toda a carga sensorial que desenvolvemos ao longo de muito tempo com estes suportes e com estes veículos, se dissolva completamente num universo virtual.

³ Programas tipo *SketchBook Pro* e *SketchBook Ink*, software da Autodesk ou *ArtRage*, software da Ambient Design.

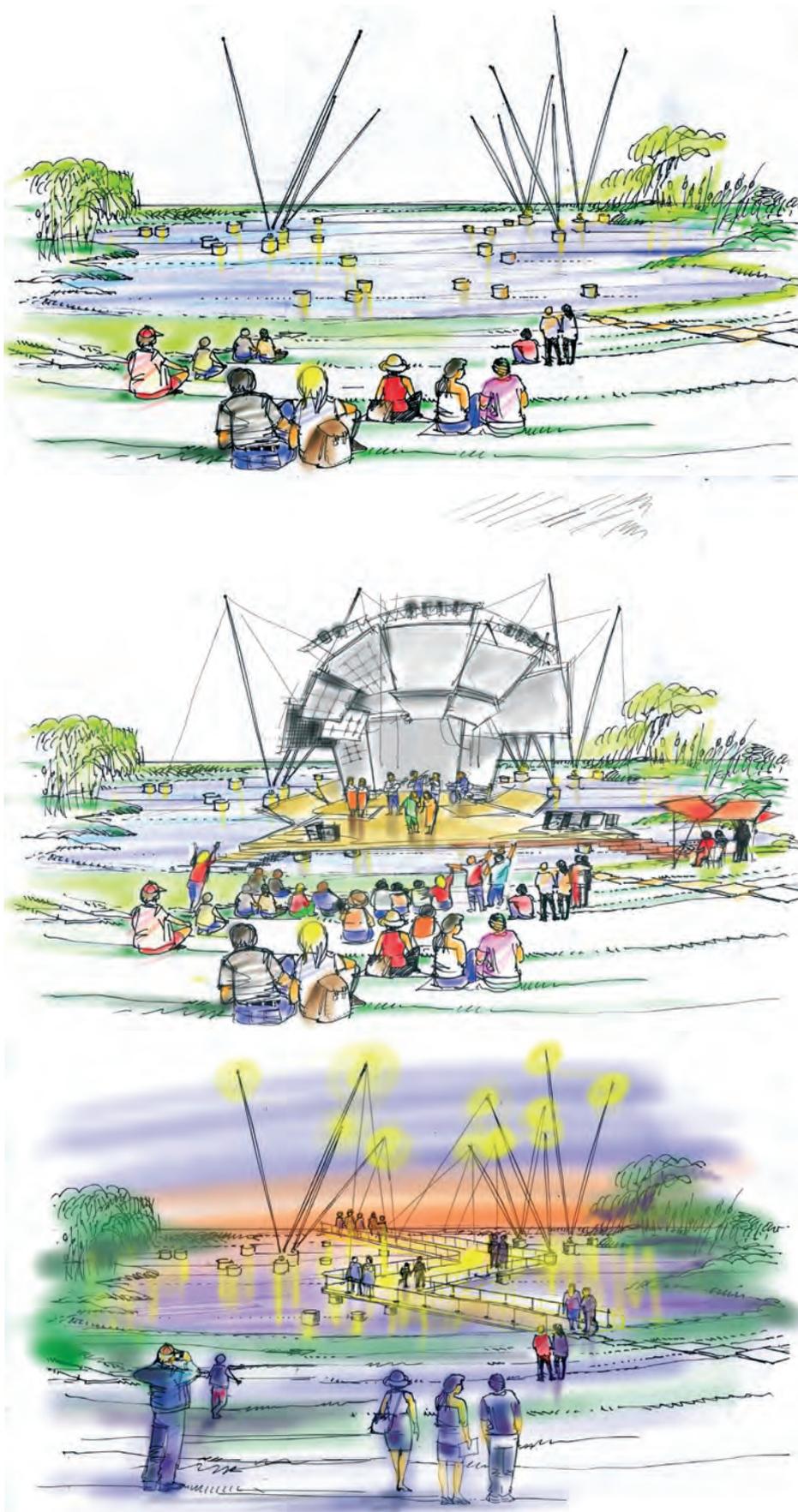


Fig. 19, 20 e 21 - Desenhos diretamente executados em IPAD, programa SketchBook Pro de Autodesk. Uma mesma base permite comodamente simular diferentes momentos de utilização dos espaços e dos equipamentos em estudo. Podemos integrar inovações técnicas a par com a continuidade do registo pela mão do que se imagina na mente. Porque a arquitetura, quer venha ou não a ser construída, começa com o gesto que transforma ideias ou visões em formas e espaços controlados.

SÉRGIO INFANTE

Professor aposentado da Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa
Professor da Faculdade de Arquitectura e Artes da Universidade Lusíada.

Nasceu em Lisboa em 1947.

Início da carreira docente na Escola Superior de Belas Artes de Lisboa - Departamento de Arquitectura em 1976.

Doutoramento em Arquitectura pela Universidade Técnica de Lisboa em 1993. “Aprovado com distinção e louvor” com a dissertação “Conservação e Desenvolvimento”.

Presidente da Comissão Nacional Portuguesa do ICOMOS-Internacional Council on Monuments and Sites-Unesco (1987–1993).

Colaborador da Secretaria de Estado do Ambiente no Estudo de Classificação e Intervenção em Sítios e Conjuntos de valor natural e arquitectónico (1977).

Frequência em 1977/78 do «Centre for the Conservation of Historic Towns and Buildings» no «College of Europe» em Bruges, Bélgica (Certificate of advanced European Studies in Conservation, Grade A).

Diploma Conservação de Monumentos da Universidade de Eger, Hungria (1978).

Entre 1978 e 1980 colaborador do Professor Raymond Lemaire, Presidente do Centro de Bruges e Presidente Honorário do ICOMOS-Internacional Council on Monuments and Sites, no «Bureau d’Etudes pour la Sauvegarde des Monuments et Ensembles Historiques» em Lovaina, Bélgica.

Vogal do 9ª Secção do Conselho Consultivo (Património Arquitectónico) do Instituto Português do Património Cultural desde 1986 até Junho de 1992.

Membro convidado para a Comissão de Redacção da Carta Internacional Para a Salvaguarda das Cidades Históricas (1986).

Professor Convidado e Orientador de Teses de Mestrado no Centre for Conservation R. Lemaire da Universidade Católica de Lovaina (Bélgica) desde 1994.

Membro do júri internacional de selecção dos projectos-piloto no domínio da Conservação do Património Arquitectónico da Comunidade Europeia (DGX), que reuniu anualmente entre 1989 e 1994.

Como responsável de SIGERP, Gabinete de Estudos para a Recuperação do Património Arquitectónico e Urbano, Lda. realizou projectos de arquitectura, recuperação e estudos de reconversão de zonas de construção degradada, de novas utilizações para edifícios antigos e de intervenção em áreas históricas.

Membro da Ordem dos Arquitectos, da Sociedade de Geografia de Lisboa, do ICOMOS-Conselho Internacional dos Monumentos e Sítios.